

Resposta de Costa
de 123/3/904

Almada, 10 de Abril de 1964.

Meu Caro Marques da Costa:

Em primeiro lugar as tuas melhoras e a alegria e conforto dos teus. Depois as minhas desculpas pela demora das minhas notícias e o meu sincero agradecimento pela tua estimada carta que considero preciosa dádiva não só pela estima e interesse que ela traduz, mas muito especialmente pelo que expressas de desejo empreender no sentido da defesa e expansão das NOSSAS COISAS. Por si só este facto é extremamente apreciável, não só por constituir nesta conjuntura excepção entre nós, mas muito especialmente por nos dar a medida do teu apêgo e entusiasmo na divulgação e defesa das nossas idéias, numa altura em que tudo parece ter fenecido. Simplesmente é para exaltar o teu propósito, embora compreendamos que terão que ser outros e noutra conjuntura o que na tua carta me propões. Sinto que as circunstâncias e a tua falta de saúde te não consintam materializar os teus velhos sonhos da Editorial, mas é forçoso reconhecer que a tua falta de saúde deverá constituir, hoje o motivo quase total das tuas apreensões. Sim, meu caro Marques, da última vez que estive em tua casa verifiquei que tinhas a saúde um pouco abalada e que o importante seria que te restabelecesses. No entanto breve irei ter contigo para pormenorizadamente me dizeres da viabilidade desse teu sonho de sempre! Por agora registe-se a tua intenção e o teu intento, tanto de mais de apreciar quando é certo que se vive uma época em que rareiam as convicções e quase se não fala na defesa dos princípios. Bem hajas e aceita a expressão do meu agradecimento como defensor das idéias e que os teus desejos parem ao menos como exemplo vivo do que é capaz de pensar e tentar fazer quem em tão alto ~~alto~~ apreço tem a expansão e defesa dos seus ideais!!...

Nota:—Esta carta, como se depreende do seu conteúdo, correspondeu a um pressentimento nosso acêrca do pouco tempo de vida que o nosso saudoso M. da C. dispunha e a sua própria carta dir-se-ia "o seu canto do cisne". pois também ~~xi~~ ele deve ter pressentido com meses de antecipação a morte! Como ele mesmo diz na sua carta, falámos muito e de muita coisa e fiquei profundamente impressionada com o seu entusiasmo e projectos imediatos de realizações... Enfim, a consciência do terme félo delirar na hipótese de um empreendimento que talvez em tempos anteriores e com saúde e possibilidades doutra ordem o não teriam pre-ocupado tanto...

O importante salientar aqui foi a conversa que tivemos e que originou em parte a sua carta e outras considerações, relacionadas na verdade por certo reparo que lhe fiz em face de nunca nos ter dado conhecimento ou mesmo convidado a colaborar em alguns dos seus empreendimentos... Claro que não passou de simples desabafo nosso, ainda que correspondesse a uma verdade a meu entender, dado que sempre vi no nosso M. da Costa senão subestimação não aquele interesse que a minha estima por ele, ao mesmo ^{tempo} ~~que~~ ~~interesse~~ entusiasmo em colaborar sempre



em tudo que soubesse e pudesse. Ele defendeu-se como o diz na carta, mas reser-vo a opinião ou o direito de me ter ressentido e a verdade dos factos mais que tudo deverão pesar para esclarecimento de certas situações ou lacunas nossas e de todos... Quero simplesmente dizer que Marques convidou muita gente a trabalhar consigo mas é estranho que nunca se tenha lembrado de mim e poucas vezes nos encontrámos... Não faltei nunca onde me chamaram e embora o tivesse sempre na conta de amigo e jamais entre nós tenha havido qualquer conflito, confesso que o nosso Marques, já desde Madrid, suponho que me viu de uma maneira que eu desejaria ser diferente. Este desabafo visa esclarecer uma situação e é a de que muitos de nós em Portugal nos deixamos arrastar por personalismos que levados à conta da luta e propagação das nossas idéias são prejuizo incontestável!

(11) Já uma vez o assinalaste e é certo, que a falta de entendimento entre todos nós tem reduzido grandemente a importância do nosso movimento. No caso de Marques também se desaguisou com alguns dos nossos e eu mesmo quando vim de Tarrafal e substituí num cargo ou tarefa de que ele se afastou, por não querer colaborar... Assisti a uma reunião onde ele se despedia e eu tomava o seu lugar. Confesso que não fiquei satisfeito, mas aceitei e o Marques que me disse ter sido ele que se lembrou de mim, sempre tive a impressão que o nosso trabalho não lhe mereceu entusiasmo ou ^aaprovação que nós desejávamos!..

De qualquer modo nunca o levei a mal e pressentia que embora ele fosse um camarada que sempre muito apreciei eu não lhe mereci essa deferência e isso não serei eu que explique essas razões... Como acima digo, já em Madrid me senti despeitado e isto porque entre alguns camaradas que ali nos juntámos eu tive sempre a impressão que não teria sido visto pelo Marques como o meu entusiasmo e convicção na defesa das idéias deveris ter merecido do nosso Marques! Já outrotanto não digo do saudoso e grande Reborêdo, a quem fiquei a dever a maior amizade e compreensão! A minha dívida Para com esse camarada é infinita e o seu modo e maneira de ser foram de uma grandeza inegalável!...

(11) Claro que esta diferença que estabeleço na maneira de ser destes dois camaradas em relação à minha pessoa está efectivamente relacionada a uma questão temperamental ou identificação com certa convergência de sentimentos. E a propósito quero contar-te um episódio que o atesta: - Em certa altura ^{da} nossa estadia em Madrid resolveu a FAPE (Federação Dos Anarquistas Exilados), publicar o seu boletim "Rebelião", mas meses antes a Polícia espanhola tinha expulso de Espanha Marques da Costa, Costódio, Furico P. Mateus e outros camaradas que permaneciam em Madrid, só eu e Roboredo escapámos, ocasionando que me coubesse a tarefa de trabalhar, como sabia, no "Boletim". Por acaso saiu com umas vinte páginas e solicitámos colaboração de muitos ou de quase todos os camaradas com quem nos relacionávamos. Do Marques, do Miranda, do Pimenta, do J. A. das Neves e de outros recebemos colaboração. Eu e Roboredo também escrevemos dois ou três artigos. Reunida toda a colaboração resolvemos eu e o Roboredo enviar toda a colabo-

(11) Esta nota foi escrita e dirigida em modo imperativo a E. A., como Resistência das nossas ideias. E. A.



